



Manuel Sousa, coordenador do Sindicato Têxtil

“Não tenho memória de as coisas serem tão difíceis”

ZITA FONSECA

zita@fonseca@jornaldebarcelos.com.pt

Diz que não é inflexível mas assume claramente que o seu papel é a defesa dos direitos dos trabalhadores da indústria têxtil, um sector assente numa rede de empresas sem capacidade de resistir ao mais pequeno “abanão”. Defensor dos apoios ao sector, reclama mais fiscalização para aqueles que não honram as suas obrigações para com os trabalhadores e a Segurança Social. Os empresários sérios e cumpridores não têm razões para temer o Sindicato, afirma Manuel Sousa.

Os dados de Novembro indicavam mais de 5.900 desempregados no concelho de Barcelos. Passado o período de Natal, a situação mantém-se estável ou piorou?

Piorou. Há mais desempregados e mais trabalhadores com subsídios e salários em atraso. Há várias empresas que não cumpriram, nomeadamente com o pagamento do 13º mês, e também há empresas que não pagaram os meses de Novembro e Dezembro e o subsídio de Natal. Exemplo: Malhas Eical. Isto é preocupante porque até há cerca de um ano sempre nos habituou a cumprir. São quase 200 pessoas que estão lá.

O Sindicato sabe quantos trabalhadores estão com salários em atraso? Por que não tenho memória de as coisas serem tão difíceis. Notamos que há uma dificuldade de os trabalhadores denunciarem os com-

portamentos das entidades patronais. Mas posso dizer que há um conjunto de pequenas empresas que ainda não pagaram o subsídio de Natal de 2010 e 2011.

Isso significa que não pagaram nunca?

Difícilmente. Depois, há trabalhadores que na esperança de que isto vá melhorar um dia até aceitam assinar documentos a dizer que perdoam ou a dizer que receberam. As malhas Eical não pagaram o subsídio de férias em devido tempo. Nós entrevistamos e eles andaram três dias atrás das pessoas para assinarem um documento para perdoarem naquela altura e receberem mais tarde. Sabe quando foi recebido o subsídio de férias? A 23 de Novembro de 2011. Sabe porquê? Porque todos os trabalhadores estavam empenhados em fazer greve no dia 24, que era o dia da greve geral. Esta empresa está a recorrer a tra-

balho extraordinário porque tem encomendas até ao tecto.

Como é que se explica esta situação?

A entidade patronal é que devia explicar. Os trabalhadores estão a trabalhar duras horas a mais por dia, tem encomendas até ao tecto e, depois, são os trabalhadores que estão a financiar a empresa e não recebem.

Sempre que fecha uma empresa ouvimos os trabalhadores dizer que havia encomendas. Também já ouvimos empresários dizerem que não conseguem crédito bancário para comprar matéria-prima. Conclui-se que ter encomendas não é suficiente para manter uma empresa aberta.

Falemos de coisas concretas. A Tinturaria Industrial de Barcelos (TIB) encerrou a 30 de Novembro com 54 trabalhadores. Quando os trabalhadores foram despedidos, os clientes faziam

fila a buscar as encomendas que tinham lá, mas a empresa não pagou aos trabalhadores. Outro exemplo: a Telesuave, dentro da Manhentacaba [antiga Manhentex]. Hoje [5 de Janeiro] tive acesso a reclamações de créditos provisórias. Em quatro anos de vida sabe qual é o passivo desta empresa? Cerca de quatro milhões de euros. Nesta unidade os sócios são os mesmos da Manhentacaba, o consultor jurídico é o mesmo, tudo é a mesma coisa. Como é que é possível em quatro anos ter um passivo de quatro milhões de euros?

Quem é o grande credor da Telesuave?

São os amigos da entidade patronal.

Que amigos são esses?

Toda a gente sabe perfeitamente que o consultor jurídico desta empresa foi director da Segurança Social em Braga e que há uns processos em volta dele.

Está a referir-se...

Ao dr. Fernando Salgado.

Que foi condenado...

...Em Famalicão. A Segurança Social é credora de 3,6 milhões de euros e não foi por acaso que há três anos esta empresa deslocou a sede para o Funchal. Como é que se pode dar crédito a empresas assim, com gestões danosas? Tem de haver critérios.

“OS APOIOS TÊM DE SER DADOS ÀS EMPRESAS CUMPRIDORAS”

Reconhece que há empresas que trabalham respeitando os direitos dos trabalhadores?

Essas têm de ser apoiadas.

Qual é a sua opinião acerca do “pacote” de 1.500 milhões de euros para financiar pequenas e médias empresas (PME) que foi agora anunciado?

Isto é uma indicação nossa, também. Há mui-

to tempo que deviam ser apoiadas para que o emprego se mantenha mas, tem de haver regras. Não pode ser o abre e fecha. Tem de haver mecanismos de fiscalização e esses apoios têm de ser dados a empresas cumpridoras. Nós somos um parceiro que tem de ser ouvido porque temos acesso a um conjunto de situações... Vou dar-lhe outro exemplo: a empresa Marques e Silva, em Marinhas, Espo-

sende, com 54 trabalhadores, de 17 de Setembro a 13 de Dezembro de 2011 teve três patrões. Agora, está encerrada e com salários em atraso porque não pagaram a ninguém. Isto não pode ser. Alguém tem de fiscalizar isto. Não é por acaso que hoje estamos onde estamos. Entrou muito dinheiro neste país, houve gente que se safou e hoje vamos ter de pagar a factura sem termos contribuído para isto. Estou de acordo que a banca e o Governo apoiem as empresas mas tem de haver uma instituição independente a fiscalizar. A Limatêxtil teve 1,6 milhões de apoios estatais do IAPMEI e não sei quê. Há meio ano tinha três salários em atraso e os trabalhadores organizaram-se, lutaram, meteram cartas, fiscalizaram e hoje têm os salários em dia. Esta empresa não paga à Segurança Social. É outro assunto que não pode continuar assim! A maioria das empresas cuja insolvência é decretada, vai-se lá ver e são milhões à Segurança Social. E a Segurança Social sabe disto. Então a Segurança Social quem é? Não é o Governo? Então o Governo não está a bater sempre nos mais sacrificados, nos pobres, para pagar isto e aquilo? E os patrões? Em alguns casos é o próprio Governo que deve lá o dinheiro. E depois? Encerramento. O patrão fica aí a passear e não lhe acontece nada. E porquê? Porque quando a empresa está quase a cair muda de patrão para esse, que é um testa-de-ferro, assumir as coisas no tribunal. Isto é que tem de ser combatido. Tem de ser combatido o trabalho precário e o trabalho clandestino que há cada vez mais. Há uso e

FOTOS: Dario Silva



abuso do trabalho extraordinário. Há aí umas três ou quatro empresas em que os trabalhadores ligaram para aqui a dizer que a partir de segunda-feira estão a exigir mais meia hora de borla aos trabalhadores. Você sabe tão bem quanto eu que essa meia hora vai ser analisada e discutida no dia 18 de Janeiro, em Lisboa. Não está aprovada, mas veja o oportunismo de algumas entidades patronais!

"HÁ UM CONJUNTO DE TRABALHADORES QUE ESTÁ A SUSTENTAR AS EMPRESAS"

Temos ouvido alguns empresários têxteis dizer que o pior da crise no sector....

Está para vir!

Não. Alguns dizem que já passou e se não fosse essa dificuldade no acesso ao crédito estariam muito melhor.

Aquí, nos concelhos de Barcelos e Esposende há empresas que estão bem. Criaram marca própria, fizeram o seu auto-investimento e têm boa maquinaria. Temos o Grupo Impetus que vai de vento em popa, a Ana Sousa... Eu tenho ideia que o pior ainda não passou. No concelho, a maioria é micro, pequenas e médias empresas que funcionam sem património. Com um abanão, caem. E não têm caído tantas porque em termos políticos não convém, porque é uma almofada para o desemprego. Ninguém quer combater o trabalho precário e clandestino e o que aí vem de legislação laboral... Há empresas que vão continuar mas não me parece que o pior tenha passado para os trabalhadores. Estas pequenas empresas, que absorvem centenas de postos de trabalho, são uma bola de neve que qualquer dia derrete. O que vemos é que há um conjunto de trabalhadores que estão a sustentar as empresas, mas esta legislação que vem para aí vai contribuir para o desemprego.

Há quem diga que os sindicatos são inflexíveis e,

por isso, acabam por prejudicar os trabalhadores. A CGTP é muitas vezes acusada de fazer protestos com fins político-partidários.

Se a CGTP não mobilizasse as massas, estaríamos muito pior. Eu não ando aqui há dois dias, ando no sindicalismo há 20 anos e sei muito bem o que já passámos. Se a CGTP, com cerca de 160 sindicatos filiados, não coordenasse esta luta de massas não sei onde estaríamos. Isto é assim: os padrões sérios e cumpridores da lei não têm de ter qualquer dificuldade em se relacionar com os sindicatos. Aqueles que não cumprem são capazes de dizer que somos inflexíveis. O sindicato existe para defender quem? Os trabalhadores! Se não, não estamos aqui a fazer nada. Há trabalhadores que vão ao Tribunal do Trabalho e dão meia-volta e preferem vir ao Sindicato. Porquê? Porque sabem que têm aqui gente que os defende. As Malhas Docar acabaram por cair mas funcionaram mais de dez anos com o contributo do Sindicato. Algumas entidades, quando lerem esta entrevista vão ver que não somos inflexíveis. Não somos, pelo menos nesta área, mas estamos aqui para defender os direitos dos trabalhadores.

"CADA VEZ VÊM MAIS TRABALHADORES AO SINDICATO"

Também há quem acuse o Sindicato de usar este momento de crise para obrigar as pessoas a sindicalizarem-se e exigir-lhes dinheiro. Como é que isto funciona?

Cada instituição tem as suas regras de funcionamento. Para sócios é uma coisa, para não-sócios é outra. A cada trabalhador que cá vem nós explicamos as regras. Se não é sócio do Sindicato e não quer sujeitar-se às regras, vai embora e não há problema nenhum. Todos sabemos que hoje há muitas alternativas ao Sindicato.

Saiu uma notícia em que o senhor e o Sindicato são acusados de quase extorquirem dinheiro a desem-

pregados.

O anonimato é um acto de cobardia. Quando falo para a imprensa é o meu nome que aparece e assumo aquilo que faço. Quem diz isso que se identifique e diga quem o obrigou. Estamos a falar da TIB onde tínhamos um conjunto de trabalhadores que descontava para o Sindicato e, em determinada altura, fizemos diligências junto da empresa que pagou uma parte.

A empresa ficou com dinheiro que os trabalhadores descontavam para o Sindicato Têxtil?

Não é caso único, infelizmente. Temos a Lipizen-de que não paga há ano e meio. Isto é abuso de con-

ao Sindicato é porque nós temos alguma qualidade. Na TIB, por exemplo, quando fui lá fazer o plenário, os trabalhadores que não eram sócios disseram que queriam tratar com o Sindicato. O que é que acontece: no dia 30 de Novembro foram despedidos, aderiram ao Sindicato no dia 2 ou 3 de Dezembro. Se querem que o Sindicato trate têm de pagar seis quotas de imediato, mais seis passado outro mês e mais seis passado outro mês. No fim, quando receberem os direitos, pagam 10% ao Sindicato. Porquê? Porque vão ter a penalização que não tem o sócio que não paga nada. Isto é uma forma de incentivar os trabalhadores a sindicalizarem-se quando entram no mercado de trabalho.

que é que a justiça funciona assim. Os trabalhadores da Fiação têm 1,5 milhões de euros no Tribunal. Vários trabalhadores e o Sindicato fizeram requerimentos ao juiz em Setembro para proferir uma sentença de verificação de créditos ou, então, mandar o administrador judicial para preparar um novo rateio. Parte dos trabalhadores da Fiação tem lá o dinheiro que é deles porque o senhor juiz nem faz a sentença nem autoriza que o administrador faça o pagamento. Não percebemos porquê. Outra questão: em fins de Fevereiro e Março terminam os subsídios de desemprego e alguns não têm direito à se-

regiões deprimidas. Não é por acaso que, na nossa opinião, devia haver nesta região medidas especiais de protecção a determinadas pessoas. A Câmara está a apoiar 400 e tal famílias nas rendas. Então como é? Se está a apoiar, essas pessoas vivem de quê? Cada vez há mais cabazes de alimentos a serem distribuídos. Alguém tem de ver isto!

Na TOR, apareceu agora uma proposta para a venda de uma parte do imóvel por um milhão e 150 mil euros. É manifestamente pouco.

O preço tem vindo por aí abaixo.

De sete milhões para um milhão e 150 mil? Claro que não podemos aceitar isto. Posso dizer já que aceitamos que o prédio seja vendido por 3,5 milhões. Isto satisfaz a vontade dos trabalhadores porque já receberam um milhão e tal em termos de fundo de garantia e de rateios. Com 4,6 milhões dos quais os trabalhadores eram credores, que tirem 200 mil ou 300 mil euros para custas, os 3,5 milhões satisfazem os trabalhadores. Dos 3,5 milhões não abdicamos

O Tribunal podia "despachar" alguns milhões de euros para ir pagando aos trabalhadores mas, porque falta uma decisão de um juiz, o dinheiro está lá parado?

No 2.º e no 4.º Juízos. E têm lá dezenas de requerimentos desde Setembro.

Quando as associações empresariais dizem que a lentidão e ineficácia da Justiça são um grande obstáculo à economia, os trabalhadores também podem dizer o mesmo?

Sem dúvida. Nós temos imensas razões de queixa. Há processos que são tão morosos, tão morosos, que não se compreende. Eu tenho dezenas e dezenas de casos que podia enumerar. Isto é a ponta do "iceberg". Queria deixar outro dado: a Autoridade para as Condições do Trabalho devia ser dotada de meios para rapidamente fiscalizar as empresas. Tenho aqui relatórios que me chegaram esta semana de pedidos que fizemos há meses.



finança, é crime. É como não pagar à Segurança Social os 11% do trabalhador. As regras fomos nós que as instituímos e não nos sentimos mal com isso. E cada vez vêm mais trabalhadores ao Sindicato.

Quando as coisas estão mal é que as pessoas vêm mais utilidade nos sindicatos.

Há muitas alternativas ao Sindicato: advogados, Tribunal do Trabalho, Autoridade para as Condições de Trabalho. Se a maioria dos trabalhadores prefere vir

zarem-se quando entram no mercado de trabalho.

Quando as coisas correm mal, compensa?
Compensa e de que maneira!

"O GOVERNO TEM DE DESCER À TERRA"

Em finais de Outubro denunciou que havia milhões de euros dos trabalhadores de empresas falidas que estavam retidos no Tribunal. A situação alterou-se, entretanto?
Não. Não percebemos por-

gunda volta nem idade para a reforma.

São pobres mas não o suficiente para, de acordo com a lei, terem direito a esse apoio. Também não são suficientemente velhos para se reformarem.
Exactamente. Alguns têm 54, 55 ou 56 anos.

O que é que as pessoas podem fazer?

Alguém tem de encontrar soluções. O Sindicato é um parceiro mas o Governo tem de encontrar soluções e descer à terra. Tem de deixar Lisboa e vir às